

O CINEASTA DA SELVA E ESSES PORTUGUESES FANTÁSTICOS

Emmanuel dos Santos

Pode não ter sido grande a repercussão do lançamento, em dezembro de 1997, do filme “O Cineasta da Selva”, mas serviu para chamar a atenção sobre o cineasta Silvino Santos e seu trabalho pioneiro no cinema nacional. O próprio filme começa por registrar o esquecimento em que ficara a pessoa e a obra do realizador. Em uma espécie de prólogo há rápidos depoimentos de pessoas da região e credenciadas para falar, como o escritor Márcio de Souza e Djalma Limonge Batista. Este último chamou Silvino Santos de “esse português fantástico”, expressão que eu introduzi no título deste artigo, pluralizando, porque, como veremos, há na história toda mais um português fantástico, um dos muitos que chegaram ao Brasil “sem um tostão” (expressão usada pelo narrador) e, se não fizeram fortunas todos, como é o caso de meus familiares, garantiram melhores condições de vida para si e seus descendentes, enquanto contribuía para o desenvolvimento do país.

No ano de 1969, às vésperas da realização de um festival de cinema em Manaus, houve motivação para lembrar a pessoa e a obra de Silvino Santos. Era um momento em que se procurava uma identidade, em que se buscavam raízes, continuidade histórica, como fazia Glauber Rocha, associando o artisticamente vitorioso Cinema Novo ao trabalho pioneiro de Humberto Mauro. Como revela um dos entrevistados no prólogo do filme, eles ali na Amazônia tinham uma tradição, uma raiz exuberante para preservar e cultivar. Tinham ali, “de mão beijada”, a figura e obra de Silvino Santos. E que estavam esquecidas. Então, sob a atmosfera luminosa e alegre do festival de cinema, Silvino Santos foi, de um modo quase oficial, honrado como pioneiro do cinema brasileiro. No ano seguinte, 1970, ele faleceria. Mas, como que milagrosamente, deixando material filmado para ser visto pelas gerações futuras. Em cultura que não se destaca pela conservação da memória, ainda mais quando entregue a suporte tão precioso como é o filme de cinema, chega a espantar que 70% de “O Cineasta da Selva” tenha sido feito com material

filmado pelo próprio Silvino Santos. Embora testemunhas afirmem que tudo o que resta são fragmentos, mesmo quando exibidos como filme completo.

Se entre os seus, Silvino Santos, ainda vivo, era lembrado só por uns poucos, evidentemente seria ainda mais ignorado no resto do país. Em 1959 o Instituto Nacional do Livro publicou, sob organização de Alex Viány, uma volumosa "Introdução ao Cinema Brasileiro", tão abrangente que até inclui o meu nome, não obstante minha modesta contribuição ao cinema brasileiro. Mas o nome de Silvino Santos não está lá. Ou seja, a poeira do esquecimento descera tão pesadamente sobre o nome do cineasta e de sua obra que dela Alex Viány não tomou conhecimento, apesar de toda a seriedade e empenho aplicados a seu trabalho de pesquisa, de que fui testemunha. Filmes de curta metragem são em geral negligenciados, mas aqui não se trata de autor de apenas documentários de curta metragem (que foram dezenas), mas de um autor de nove filmes de longa metragem. Há registros na imprensa e havia testemunhas vivas. O próprio cineasta era vivo em 1959. Como explicar que ele e sua obra tenham escapado ao recenseamento de Alex Viány?

Mas aí está "O Cineasta da Selva" para nos apresentar, em ordem cronológica, a trajetória desse pioneiro. Nascido em Portugal na região da Serra da Estrela, nos fins do século passado, Silvino Santos veio muito cedo para o Brasil e se encantou pela Amazônia à primeira vista: "o verdadeiro paraíso terrestre", como diria mais tarde. Sua vida de aventuras como documentarista fotográfico começou aos 17 anos com uma viagem de Manaus a Iquitos, como aprendiz de fotógrafo. Em 1910 é contratado pela *Peruvian Amazonian Rubber Co.* para fotografar os seringais do rio Putumayo, daquela empresa, atacada na Inglaterra (havia sócios ingleses) e outras partes da Europa pelo escândalo das 30.000 mortes nos seringais. Bem depressa o cabeça da *Peruvian Amazonian*, Don Julio, viu que aquelas fotos de nada serviriam para a defesa da companhia. Sentiu que havia necessidade de um filme institucional. Assim, mandou Silvino Santos a Paris e desse modo dá o impulso decisivo para que o fotógrafo se tornasse um cinegrafista, após estágio de apenas um mês. Silvino foi recebido pelos franceses com curiosidade e admiração: aquele homem havia fotografado a lendária Amazônia! Com uma câmera Pathé e 2.000 metros de filme virgem, com emulsão preparada para suportar o calor e a umidade da Amazônia, estava o futuro cineasta pronto para começar seu trabalho. Mas, antes do regresso à Amazônia, haverá um episódio que mudará sua vida: um encontro com Anita, sobrinha de Don Julio. Já em Manaus, sabendo que Anita estava lá de passagem, ofereceu-se para lhe pintar um retrato. Algumas sessões de poses e o amor desabrochou vitorioso. A lua de mel, em 1913, foi entre os índios e durou dois meses, o tempo de rodagem de seu primeiro filme. Mandado para a Europa, o filme foi para o fundo do mar com o navio que o transportava, torpedeado por um submarino alemão. Dele só alguns fragmentos ficaram e foram usados mais tarde.

Silvino Santos volta ao Putumayo em 1916 e filma "Índios Huitotos do Rio Putumayo." Mas o ambiente era o de crise: uma geral, causada pela 1ª. Grande

Guerra e outra, mais direta, pela produção de borracha no sudeste da Ásia. Alguns empresários amazonenses tentaram então diversificar suas atividades e escolheram o cinema como uma delas. Silvino Santos era o candidato natural para receber propostas de associação e assumir a responsabilidade pela direção dos filmes. Surgia a *Amazônia Cine Film*, bem equipada, segundo Guilherme Santos, testemunha próxima. A câmera Bell & Howell era a mesma usada em Hollywood, diz ele. O primeiro filme, "Amazonas, o maior rio do mundo", levou três anos para ser concluído e sua matriz acabou sendo roubada, o que levou a empresa à falência. Silvino Santos voltava à estaca zero.

É aí que surge outro "português fantástico", Joaquim Gonçalves de Araújo. Chegando ao Brasil "sem um tostão" enriquecera com a borracha, mas, sentindo a mudança dos ventos, diversificara suas atividades, e acabou montando um pequeno império. Nessa linha resolveu comprar o acervo da *Amazônia Cine Film*. E logo procurou saber quem poderia trabalhar com aquele material. Silvino Santos, o antigo co-proprietário, foi imediatamente apontado como o candidato natural. J.G. Araújo queria um filme para divulgar suas empresas na Exposição Internacional do Rio, em 1922, e, assim, não perdeu tempo para contratar Silvino Santos. Começava a nascer "No País das Amazonas."

A Exposição Internacional de 1922 foi planejada para comemorar o centenário da Independência. Era um momento em que o Brasil se interrogava a respeito de sua identidade e procurava entrever o seu futuro. "No País das Amazonas" servia perfeitamente àquele momento. O filme mostrava a grandiosidade da terra, a majestade da floresta, a exuberância da fauna, um mundo de potencialidades; mas apresentava também (e seu objetivo principal era este) as atividades comerciais e industriais de J.G. Araújo. A Amazônia que ali se via não era a Amazônia dos derrotados, Amazônia decadente a lamentar a riqueza perdida, a chorar o fim da idade de ouro da borracha. Era uma Amazônia diversificando suas fontes de riqueza e entrando no terreno da industrialização moderna. Em manobra que no filme é chamada de "jogada publicitária" Silvino Santos apresentou-se vestido de "cineasta da selva", usando as roupas do clichê habitual. O filme foi um sucesso de público. Numa época em que a média de permanência em cartaz de filme brasileiro era de dois ou três dias, "No País das Amazonas" ficou cinco meses em cartaz, apenas num dos cinemas lançadores. Em um único final de semana conseguiu atrair 15.000 espectadores. Satisfez de tal maneira a idéia que os brasileiros faziam de seu país que o Presidente da República inclinou-se a autorizar a confecção de cópias em francês e inglês para divulgar o Brasil no exterior. Mais tarde todo o material foi fragmentado em vários filmes de curta metragem, exibidos como cinema educativo.

J.G. Araújo aproveitou a presença de Silvino Santos no Rio, entre 1922 e 1923, para propor um documentário sobre a terra carioca: "Terra Encantada." Mas ainda em 1923 ele se integra à Expedição Rice e se prepara para realizar seu quinto filme de longa metragem. A expedição era muito bem equipada e dispu-

nha até de um hidroavião. Ainda assim, mesmo depois de nove meses de lutas, não conseguiu atingir seu objetivo: chegar às nascentes do rio Branco, no Uraricoera. No processo de realização do documentário, diz-se que foram feitas as primeiras tomadas aéreas da floresta amazônica. Não sem alguns tropeções. Em um deles a câmera soltou-se e foi parar no fundo do rio, necessitando da perícia dos índios para ser recuperada. A expedição ganhou reportagem da prestigiada revista *The National Geographic Magazine*. O material filmado foi apresentado em duas versões. Em uma Rice faz ele mesmo um relato, com tomadas feitas em estúdio e colocadas entre as do documentário. A outra ganhou o título de “No Rastro do El-Dorado.”

Sempre pelas mãos de J.G. Araújo, chegou a hora de rever a terra natal. Onde ele poderia ter sido enterrado em menino, se uma tia, em atitude aparentemente tresloucada, não tivesse impedido seu sepultamento, trancando-se com o “cadáver” no seu quarto. Evidentemente a contar sempre com o apoio de J.G. Araújo, Silvino Santos ficou três anos em Portugal e continuou filmando. Destaque para a pioneira reportagem “Miss Portugal”, de 1925, e para “Terra Portuguesa”, realizado no Minho. O material lá filmado foi convertido em 35 filmes de curta metragem, chamados cine-jornais ou filmogramas. Em 1934, já na época do cinema sonoro, com a colaboração de Fausto Silva, “Terra Portuguesa” foi sincronizado.

Com o fim da 2ª. Grande Guerra, é incorporado por J.G. Araújo o projeto Vila Amazônia, instalado pela colônia japonesa. Todo o desenvolvimento do processo foi filmado por Silvino Santos e deu material para seu nono e último filme de longa metragem: “Santa Maria da Vila Amazônia.” Já em 1950 o “império” de J.G. Araújo estava em franca decadência. E vê-se então um caso único: o empresário, mesmo em dificuldades, mantém em atividade perto de si o cineasta, dando-lhe a função de cuidar de um galpão onde móveis descartados e outras coisas antigas eram guardados. Como homem de cinema ficaria com a tarefa de documentar tudo o que dissesse respeito à vida diária dos Araújo: rotina doméstica, prática esportiva, passeios etc. Um profissional fazendo filme de amador. Foram suas últimas atividades. Já se registrou que Silvino Santos morreu em 1970. Tinha 84 anos.

Como procurei demonstrar, independentemente de méritos outros (aqui não mencionados, mas que devem ser discutidos) o filme “O Cineasta da Selva” tem importância pelo que traz à luz (e que eu aqui privilegiei): a pessoa e a obra de Silvino Santos. Todas as informações aqui arroladas saíram do filme. “O Cineasta da Selva” mostra ao fundo a obra de um português empreendedor, J. G. Araújo. Eu a trouxe aqui para o primeiro plano, em homenagem não apenas a dois, mas a muitos desses portugueses fantásticos que para cá vieram, construíram e ficaram.

“UM CINEASTA DA SELVA.” Atores: José de Abreu e Denise Fraga. Corpo Técnico: Aurélio Michiles (Direção), Júlio Rodrigues e Aurélio Michiles (Roteiro), Felipe Daviña (Fotografia), Rita Flórido (Direção de Arte), Roberto Moreira (Montagem), Caíto Marcondes e Teco Cardoso (Música Original).